

RUBEM BRAGA

S. PAULO

DA janela do apartamento de um amigo, em São Paulo vejo milhares de janelas de edificios. Há o grande volume de um imenso arranha-céu em construção com sua bela fachada ondulada. É uma unidade do conjunto que Niemeyer desenhou e que levôu o Rôxo Loureiro à falência, me explica o amigo. Mais perto, à direita, à esquerda, mais longe, um pouco por toda parte — há demolições que terminam, buracos de fundações que se abrem, estruturas novas que sobem: esse centro de São Paulo, já monstruosamente povoado de altas massas quadrangulares, será em poucos anos ainda mais monstruoso, com suas muralhas de cimento contínuas, inclementes, altas, duras, pardas.

E lá em baixo, a cidade come. Como São Paulo come, que toneladas de comidas são devoradas nesses inumeráveis restaurantes e cantinas, nas mesas, nos balcões — virados, pizzas, carnes, massas, sanduíches, milhões de bocas mastigando e engulindo, caixas registradoras tilintando, vozes, luzes, gente, gente, gente. Removem-se os corpos dos mortos de 32, segreda-se o nome de Mr. X, contrabandista-mor, a Prefeitura anuncia que vai parar todas as obras, a Bienal vai nos trazer Van Gogh, ouro do Peru e pintura de 45 países, contam-se negócios, discute-se Jânio Quadros e o crime do homem que matou o tio senador e os jornais chamam, num dengue, Maria Ester Bueno de Esterzinha, namorada imaginária de Luis Martins, filha com certeza de algum homem de cara comprida como Clóvis Graciano, neta quem sabe de Amador Bueno, o que não foi rei.

E no quarto do hotel, sozinho, jogo todos os jornais no chão e fico ali calado, quieto, triste, pensando em ti.

8/7/59

Rubem Braga

327